

AS DIFERENTES VOZES E OS MÚLTIPLOS SENTIDOS EM PUBLICAÇÃO DA PÁGINA “LÍNGUA PORTUGUESA” NO FACEBOOK

Cláudio Henrique de Souza Piresⁱ
Daglécia dos Santos Pintoⁱⁱ

Resumo: Objetiva-se com este artigo refletir sobre as significações atribuídas à língua portuguesa, que circulam nos discursos produzidos em uma página do *Facebook*, direcionada a divulgar dicas gramaticais. Com base nesses discursos, mostramos os sentidos recriados no contexto sócio-histórico dos interlocutores dessa mídia. Para tanto, foi necessário realizar um estudo representativo de uma publicação que foi postada no período em que se comemora o dia do índio no Brasil. Por meio do recurso ‘linha do tempo’, conseguimos recuperar esse arquivo para selecionamos como *corpus* de nossa análise os enunciados de um pôster e seus respectivos comentários, os quais foram motivos de polêmica entre os usuários da página ao serem publicados nessa rede social. A fim de refletir sobre as vozes discursivas que interagem nesses enunciados, buscamos não olhar diretamente a superficialidade dos textos, mas os lugares e as condições de produção dos discursos que apontam as diferentes vozes. Esta discussão foi sedimentada na perspectiva dialógica, interacional e ideológica, tal como a concebe Bakhtin/Volochinov (1986), segundo o qual os enunciados existem em gêneros, com seus objetivos comunicacionais e estáveis e, dessa forma, são produtos da interação social e se caracterizam pela plurivalência de sentidos, e também nos estudos de gêneros textuais emergentes e comunidades virtuais (MARCUSCHI, 2004). A partir da análise desenvolvida neste trabalho, deduzimos que os discursos com os quais os enunciados mantêm relações dialógicas dão corporeidade a significações sobre a língua portuguesa, sustentando os preconceitos linguísticos e sociais enraizados na sociedade contemporânea brasileira.

Palavras-chave: Discurso. Dialogismo. Gêneros. Mídias.

i Mestrando pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: claudioufba@gmail.com.

ii Mestranda pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: daglecia.santos@gmail.com.

Abstract: This study aims to reflect on the meanings attributed to the Portuguese language, circulating in discourses produced on a *Facebook* page which focuses on disseminating grammar tips. Based on these discourses, we tried to show the senses recreated in the social history of these media interlocutors. For this, it was necessary to conduct an exploratory study of the publications that were posted on this page since its creation through the 'timeline' resource. We selected as the corpus for our analysis the enunciation of one of the posters and their comments that have caused polemics among members of the page. In order to reflect on the discursive voices that interact in these statements, we tried not to look directly at the superficiality of the texts, but the places and conditions of discourse production that link the different voices. This discussion has been sedimented in dialogical, interactional and ideological perspectives as Bakhtin/Volochinov (1986) conceives, in which statements exist in genres, in which are statements in genres, with their communication goals and stability, are products of social interaction and are characterized by the plurivalent senses, and also in studies of text genres and emerging virtual communities (MARCUSCHI, 2004). Based on the analysis developed in this study, we deduce that the discourses with which the statements maintain dialogical relations, give the meanings corporeity about the Portuguese language, which support the linguistic and social prejudices rooted in contemporary Brazilian society.

Keywords: Discourse. Dialogism. Genre. Media.

Introdução

É por meio dos enunciados que as ideologias se manifestam, ou seja, é através da linguagem que podemos observar as relações sociais e, por conseguinte, as ideologias produzidas na interação social. Por isso, buscamos as diferentes vozes, pontos de vista, que sustentam o preconceito linguístico, étnico e social que despontam na página “Língua Portuguesa” do *Facebook*. Pretendemos analisar como esses sentidos são construídos nos enunciados e de qual forma eles refratam e refletem os “pré-conceitos” mediante suas materialidades linguísticas. Recorrendo ao recurso linha do tempo, selecionamos a edição de um pôster que foi publicado no mês de abril de 2012, com o seguinte enunciado: “Feliz dia do índio para você que fala ‘pra mim fazer’”. Esta publicação, por envolver fatores étnico-linguístico-textual, foi motivo de polêmica entre os membros da página.

A gramática tornou-se um instrumento de normatização e homogeneização da língua, e, como resultado, tem-se um processo classificatório e preconceituoso do que é “certo” e “errado” na língua. Considerar a língua portuguesa falada no Brasil homogênea é prejudicial à educação, pois o português brasileiro possui alto grau de diversidade e de variabilidade determinadas por fatores históricos, sociais e culturais. É necessário entender que a língua encontra-se em constante movimento de mudança e renovação, portanto, o ensino de língua deve ser visto como uma disciplina viva e não estática, com classificações que levam ao preconceito não só linguístico, como o étnico e o social.

Falar em dialogismo, considerado o princípio básico do pensamento bakhtiniano, é atrair uma variedade de categorias e conceitos. Por isso, buscaremos nesses discursos analisar como se constituem as relações dialógicas, o lugar espaço onde as práticas discursivas se materializam (de natureza linguístico-discursivas) e, dessa forma, compreender as situações, as condições de produção que geram os efeitos de sentido. Para isso, apoiamo-nos em estudos das relações dialógicas, discurso e gêneros discursivos com base nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin.

Diante do exposto, o que nos interessa, neste trabalho, é compreender como se constituem, dialogicamente, os enunciados que nos são expostos constantemente nesses espaços discursivos, ou seja, em pôsteres publicados nos grupos do *Facebook*. E na verificação das relações dialógicas, por que e

como os sujeitos produzem dialogicamente os seus enunciados/discursos, também refletimos sobre as influências dos gêneros nessa constituição.

1 Fundamentação teórica

A verdadeira substância da língua não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 2006, p. 125).

A língua é considerada dialógica, pois se concretiza na comunicação social, na interação entre interlocutores, na qual participam sujeitos históricos e concretos. A linguagem, portanto, é o resultado de trabalho entre sujeitos históricos em constante interação.

O sujeito, nessa concepção de língua, é um sujeito discursivo que se posiciona ideologicamente, conforme as crenças e/ou posições de um determinado grupo social. Por isso, sua fala é eminentemente construída pela dos outros (CAMPOS, 2012). Os enunciados, então, podem ser vistos como uma resposta ativa às vozes interiorizadas, vozes sociais que estão em circulação na sociedade.

O texto, portanto, é o “[...] produto da criação ideológica ou de uma enunciação, [...] não existe fora da sociedade, só existe nela e para com ela [...]” (BARROS, 2005, p. 27). Seu sentido é construído de forma dialógica em uma situação comunicativa, em que o sujeito tem uma atitude responsiva ativa diante do que lhe foi exposto no momento da interação. Essa atitude responsiva do sujeito não está livre de conflitos, pois o sujeito pode não concordar, fazer adaptações, acrescentar ou retirar informações etc.

Para explicar a questão do dialogismo, Brait (2005) propõe a análise em duas dimensões: por um lado, aquele em:

[...] permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. [...] Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados

historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. [...] (BRAIT, 2005, p. 94-95).

Pode-se observar que a primeira dimensão corresponde à interdiscursividade – a relação de um discurso com outros discursos –, e a segunda, que se refere ao discurso que ocorre na relação entre sujeitos, entre o *eu* e o *outro*.

A noção de sujeito dialógico apresenta duas faces: uma individual e outra social. Para exemplificar esta noção, recorreremos à definição de palavra: a palavra enquanto pensamento é individual, mas quando se torna materialidade verbal, ou seja, quando é proferida, enunciada, passa a pertencer ao social. Por conseguinte, encontra-se carregada de elos ideológicos nos quais estão imbricadas as diversas vozes sociais. Seu sentido é estabelecido durante o discurso e conforme contexto social-histórico-cultural.

Para o Círculo, a unidade de estudo da linguagem como atividade sociointeracional são os enunciados, porque a utilização da língua ocorre em enunciados escritos ou orais. Esses enunciados são eventos únicos e concretos que se efetuam entre os integrantes de uma ou outra esfera da atividade humana. Ainda nesse sentido, Bakhtin (2003, p. 279) afirma:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.

Ao estudar a noção de gêneros, o que vai ser levado em conta são as formas de produção desses enunciados relativamente estáveis. Todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem, essa utilização ocorre por meio dos enunciados e estes integram uma outra esfera da atividade humana. A nossa fala constitui-se de enunciados, falamos por meio de enunciados e os enunciados constituem-se em gêneros, Bakhtin (2003, p. 302) afirma:

Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão

aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

É relevante notar que os gêneros são os elementos organizadores das atividades sociais, orientando, dessa forma, a participação dos falantes em determinadas esferas da atividade humana. Segundo Bakhtin (2003), os gêneros são enunciados relativamente estáveis; por conseguinte, cada esfera da atividade humana, cada intenção comunicativa, já tem enunciados pré-estabelecidos que podem ser modificados conforme a intenção comunicativa, por isso são considerados relativamente estáveis. Os gêneros ajudam que compreendamos as ações dos outros, para que sirvam de referências para as nossas próprias ações. É através dos gêneros que agimos pela linguagem.

Os sons, as palavras e as orações são as unidades da língua, sozinhas/isoladas, fora de contexto, não possuem sentido, não se tornam um ato comunicativo, visto que se encontram fora de uma situação comunicativa. Mas as palavras ou orações, quando representam a intenção do locutor e provocam no interlocutor uma atitude responsiva, estando situadas em uma situação comunicativa, se tornam enunciados.

Os avanços na área da tecnologia digital possibilitam o surgimento de novos gêneros em ambientes virtuais que caracterizam as novas formas de comportamento comunicativo em uma sociedade pós-moderna. Para Marcuschi (2004, p. 13), “[...] a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”.

Considerando que os gêneros são formas sociais e pré-estabelecidos de comunicação e que se encontram inseridos em uma cultura, pode-se afirmar, conforme Marcuschi (2004, p. 20), que “[...] o meio eletrônico oferece peculiaridades específicas para usos sociais, culturais e comunicativos que não se oferecem nas relações interpessoais face a face.” Marcuschi (2004, p. 20) aponta que o sucesso dessa nova tecnologia “[...] deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo nos recursos linguísticos utilizados”.

Diante deste contexto de práticas comunicativas na mídia virtual, temos o *Facebook*, fundado em 2004. Trata-se de uma rede social em que cada

participante tem um perfil, no qual seus dados pessoais, fotos, vídeos, links, comentários etc. podem ser disponibilizados para que outro membro tenha acesso. Os membros dessa rede podem interagir entre si a partir dos comentários sobre os pôsteres, ao inserir comentários, curtir, compartilhar etc. É uma ferramenta que permite a inserção de textos orais e escritos, imagens, sons etc.

2 Caracterização do gênero “pôster” do Facebook

Os gêneros do discurso se constituem em sua mobilidade e dinamicidade. Todo sujeito, portanto, ao falar e agir, repete falas e ações realizadas por si mesmo ou por outros. Além de repeti-las, os sujeitos também as recriam, adaptando-as às circunstâncias únicas e concretas de acordo com o contexto ao qual se inserem (BAKHTIN, 2003).

Os pôsteres do *Facebook*, assim como outros gêneros discursivos digitais, por exemplo, *blogs*, *e-mails*, *chats* etc. aparentam analogias em relação à interação entre os seus interlocutores por ocorrerem no mesmo espaço e talvez em um mesmo período de tempo, a depender da conectividade entre os seus pares. Ao serem publicados, os interlocutores podem assumir, de imediato, uma postura responsiva, e esse diálogo ocorrer explicitamente (quando o interlocutor apresenta a sua responsividade por meio de comentários no suporte reservado a esse objetivo) ou implicitamente (quando a responsividade ocorre constitutivamente, ou seja, não mostrado por meio dos comentários efetuados diretamente na rede) dessas páginas.

A autonomia enunciativa que os interlocutores possuem para produzir os seus enunciados não são mediadas por nenhuma esfera instituída socialmente e temporalmente, visto que os pôsteres são gêneros que não têm uma periodicidade determinada, ou seja, o interlocutor pode a qualquer momento publicar quantidades ilimitadas, sendo que essas publicações não têm validade prevista.

Dividindo o espaço com outros gêneros nessa rede social digital, o pôster se situa com uma relação temática e axiológica a respeito de: fatos cotidianos, temas humorísticos, expressão de sentimentos pessoais, narrações da vida estudantil, profissional e social de seus usuários, mobilizações sociais, combate ao preconceito, apologia à discriminação social, religiosa e étnica, propagação de ideologias políticas, científicas e religiosas

PIRES, Cláudio Henrique de Souza; PINTO; Daglécia dos Santos. As diferentes vozes e os múltiplos sentidos em publicação da página “Língua Portuguesa” no Facebook. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.4, p. 42-55, dez.2013.

etc. O horizonte temático do pôster refere-se a acontecimentos do dia a dia e a fatos sociais que estão relacionados ao universo das redes sociais digitais, mas que estão vinculados ou dizem respeito também à esfera do cotidiano do interlocutor. É a partir desse lugar que ele se posiciona.

3 Análise do corpus

Para refletirmos sobre o preconceito linguístico, étnico e social, marcados ideologicamente nos enunciados das redes sociais, analisaremos o discurso enunciado em um pôster publicado na comunidade que faz parte do nosso corpus de pesquisa, “Língua Portuguesa”, no Facebook. Partiremos da análise dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa no gênero pôster e comentários, mas não nos deteremos a uma análise exaustiva das propriedades do texto e de suas formas de composição.

Cabe ressaltar que essa análise não esgotará os efeitos de sentido dos discursos enunciados no pôster, nem em seus comentários; trata-se apenas de uma tentativa de observar onde ele se faz presente, em que medida e como esses discursos são construídos no imaginário social dos usuários dessa rede social na internet.

Abaixo segue o pôster selecionado para a análise (exemplo 1):



O sujeito enunciador ocupa a posição social de professora de Língua Portuguesa e de idealizadora dessa rede intitulada Língua Portuguesa, cujo pôster foi publicado e tem como objetivo fornecer informações atuais, dicas gramaticais, entretenimento, entre outros fatos relacionados à Língua Portuguesa. Devido à sua grande notoriedade e repercussão entre os usuários do *Facebook*, a comunidade se transformou em uma grande ferramenta de transmissão de informações e solução de dúvidas.

Vale salientar que uma posição sujeito é dialógica por dividir diversas vozes sociais. Na medida em que permite apreender sequências delimitadas que mostram claramente a sua alteridade, no pôster acima, a heterogeneidade mostrada se apresenta em forma de um discurso que reafirma o preconceito linguístico e entre etnias. As marcas linguísticas estão explícitas nos enunciados do pôster, pois, ao enunciar "como não comentar" e "Feliz dia do índio pra você que fala: pra mim fazer", há diferentes vozes que, mesmo ocupando o mesmo espaço, silenciam outras vozes, ou seja, aquelas que não se adéquam ao ideal de língua proposto pela gramática normativa. Marginalizando, excluindo, assim, todo e qualquer falante que não participa da variação.

Além do dialogismo mostrado no fio do discurso, há também vozes dialógicas que trabalham com a noção do dialogismo constitutivo, sendo que este não deixa marcas visíveis no fio discursivo. Nesse caso, os enunciados do pôster se apresentam em relações dialógicas com as vozes discursivas anteriores, ou seja, as que perpassam o imaginário social sobre o *bom uso da língua e sua relação com os indígenas que não a dominam*. Além disso, os enunciados também têm o seu modo de orientação para o interlocutor e para a sua responsividade.

Esta página do *Facebook* se direciona a públicos distintos, àqueles que defendem a norma, aos que a "violam" e aos que se interessam, mas não assumem uma postura visível no fio discursivo. Aqueles que defendem a homogeneidade linguística se tornam engajados ao discurso do enunciador. Ao mesmo tempo, esse discurso se distancia dos usuários que não se adéquam à norma culta da língua. Esse distanciamento é manifesto por meio da posição valorativa e em certos traços estilístico-composicionais, como o uso do pronome *você* e não o *nós*. Neste caso, no movimento dialógico de engajamento, os interlocutores não levam diretamente todos os leitores à

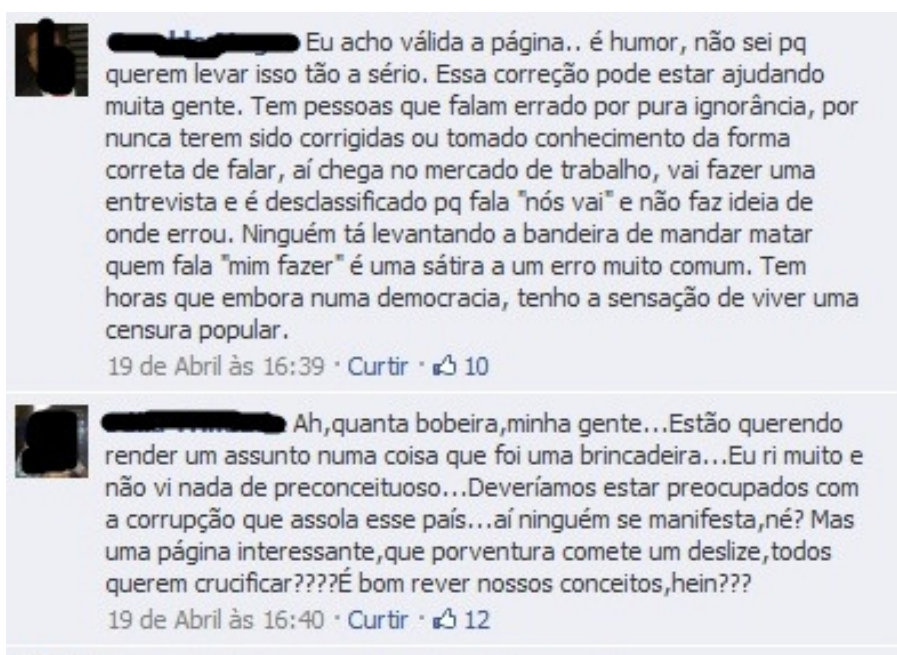
posição de aliados ao seu discurso, pois excluem aqueles que possivelmente não se adéquam à norma padrão.

Já em relação ao movimento dialógico de refutação, o locutor antecipa as possíveis reações-respostas de objeção que o interlocutor poderia contrapor ao seu discurso, abafando-as. Nesse sentido, o autor provoca o silenciamento. Esse movimento pode ser observado no enunciado no topo do pôster, quando o autor diz: "como não postar". A refutação consiste na antecipação do autor de possíveis críticas que receberia de alguns leitores mais críticos em relação à língua. Ao enunciar, o locutor enfatiza que não poderia abafar o seu discurso, teria que ser expresso, embora fosse contra a vontade de alguns, mas representaria para o autor uma realidade inevitável.

Em relação ao movimento ideológico, o enunciador apresenta o seu ponto de vista em relação à sua posição conceitual de língua homogênea como sendo a verdade absoluta à qual os interlocutores devem se sentir compelidos a aderir. A opinião de um sujeito que assume a posição de professora de português torna-se uma voz autorizada pela sociedade para definir o que é “certo” ou “errado” em relação ao “*bom uso da língua*”. Essa voz se apresenta como uma relação de imposição sobre os interlocutores dessa página na rede social.

O preconceito étnico-social que é perpassado no pôster consiste na voz que o enunciador assume ao impor uma posição valorativa que ideologicamente deprecia a imagem do índio na sociedade brasileira, pois ao “violar” as regras da gramática normativa, o sujeito é comparado a um índio. Dessa forma, a imagem do índio é negatizada e depreciada.

Grande parte dos usuários que participam como membros dessa rede assumem, além de uma posição de observador e simpatizante, uma posição conservadora em relação à língua, pois, hipoteticamente, o que eles esperam é que essa página defenda a norma padrão, tanto na modalidade escrita, quanto na falada, conforme vemos nos exemplos abaixo, retirados dos comentários de alguns membros dessa comunidade (exemplo 2):



Dentre as centenas de comentários que foram publicados nesse pôster, selecionamos apenas os dois acima como parte representativa da materialidade textual-discursiva dos interlocutores que estão subordinados a uma tradição que defende a homogeneidade linguística no Brasil. Tais sujeitos não conseguem identificar nenhum traço de preconceito linguístico, social ou étnico. De acordo com esses enunciados, da maneira que foi publicado, o pôster não transgrediu as normas do bom senso nem da ética. Não houve nenhuma manifestação de preconceito ou desvalorização de etnias ou classes sociais.

Mas também há aqueles que participam dessa página para obter conhecimentos a respeito da norma padrão da língua culta. O que provavelmente os motiva a participar é a relevância das informações que são ali transmitidas, ou seja, as dicas gramaticais, como vemos na seleção dos comentários abaixo (exemplo 3):



Como vemos nessa seleção, o conteúdo, aparentemente inocente do pôster, suscitou a reflexão de muitos membros da página, que perceberam nos discursos enunciados boas doses de preconceito sociolinguístico. Observamos também no exemplo supracitado, no comentário em destaque, enunciado pelo autor do pôster, que, apesar de assumir uma posição na qual adota a gramática normativa como objeto de seu discurso e como tema de debate, as formas de se falar/escrever “corretamente” a língua portuguesa em quase todos os seus enunciados, o enunciador tenta se desvencilhar de sua posição normativa, devido à atitude responsiva de seus interlocutores.

Ao justificar-se diante das críticas dos seus interlocutores, o autor propõe que, ao enunciar em seu pôster, utiliza-se do gênero humorístico,

apenas para torná-lo leve e descontraído. Utilizar a estratégia de deslocar a característica de um gênero para outro foi uma das formas que o autor encontrou para se redimir e minimizar os efeitos de sentido causados pelo seu enunciado entre os interlocutores. Segundo Brait (2008), o humor é um aspecto importante para a sociedade, pois “[...] o discurso humorístico possibilita o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais ou mesmo estéticos, encobertos pelos discursos mais sérios e, muitas vezes, bem menos críticos.” (BRAIT, 2008b, p. 17). O autor recorre ao gênero humor para classificar seu enunciado porque o sujeito que enuncia através de enunciados humorísticos não pode ser julgado pelo que diz. Sobre o discurso humorístico não recaem as regras forjadas durante a história e que se perpetuam e recaem sobre outros discursos.

Considerações finais

As representações ideológicas sobre o mito da homogeneidade linguística que circulam no imaginário social são resultados de um longo processo de desprestígio dos falantes que não dominam a variante padrão. Sendo assim, algumas vozes discursivas presentes no pôster corroboram para perpetuar os preconceitos linguísticos, étnicos e sociais.

A construção composicional dos gêneros da internet, mais especificamente as redes sociais, compõe-se de uma orientação valorativa que está presente em enunciados já-ditos. No gênero pôster do *Facebook*, que foi analisado, vimos a multiplicidade de sentidos para todos aqueles discursos que circulam no imaginário social do brasileiro em relação ao índio e em relação à língua.

A imagem do índio que é passada para os interlocutores, por meio das diferentes vozes sociais presentes nos enunciados do pôster, é de preguiçoso. Nesse contexto, o índio é aquele que não aprendeu a língua dos dominadores, ignorante, selvagem, incivilizado, sem cultura, leis, religião etc.

Apenas em um pôster foi possível identificar a multiplicidade de vozes que estão presentes nos enunciados. Nesse pôster, podemos notar o diálogo que ocorre entre o conservadorismo linguístico e as vozes mais liberais. São esses os discursos com os quais o enunciado mantém relações dialógicas, que dão corporeidade e sustentação aos preconceitos presentes na publicação do pôster.

PIRES, Cláudio Henrique de Souza; PINTO; Daglécia dos Santos. As diferentes vozes e os múltiplos sentidos em publicação da página “Língua Portuguesa” no *Facebook*. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.4, p. 42-55, dez.2013.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BAKHTIN, Mikhail . **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail . Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 279-302.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e a construção do sentido**. 2.ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005a. p. 25-36.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e a construção do sentido**. 2.ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005a. p. 87-99.

_____. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005b.

_____. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée; MEURER, José Luiz (Org.) **Gêneros: Teorias, Métodos, Debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

CAMPOS, Maria Inês Batista. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtiniana. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 113-149.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola. 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. XAVIER, Antônio Carlos (Org.) **Hipertexto e Gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.